

# Capitalismo, socialismo y la trampa neoclásica: De la teoría económica a la acción política

JAVIER MILEI

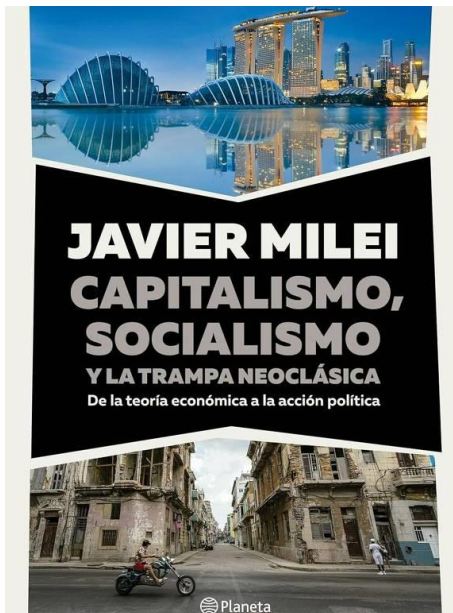
Buenos Ayres: Editora Planeta - Argentina, 2024. 376 p.

369

Julio C. Gambina<sup>1</sup>

Tradução Aline Marcondes Miglioli<sup>2</sup>

Milei sonha com os anos 20, mas de um século atrás<sup>3</sup>



Poucos dias após a greve nacional do movimento sindical do dia 9 de maio, o presidente Milei apresentará seu livro "Capitalismo, Socialismo e a Armadilha Neoclássica", da Editora Planeta, no dia 22 de maio no Luna Park, dois acontecimentos que competirão pela atenção midiática para disputar o consenso político.

A realidade do ajuste fiscal baseado em menores aposentadorias no primeiro quadrimestre de 2024 em relação a 2023 em quase 40% se dilui na discussão sobre as adesões aos protestos ou ao discurso oficial, sobre

<sup>1</sup> Professor universitário de Economia Política; integrante da Junta Diretiva da Sociedade Latino-Americana de Economia Política e Pensamento Crítico. | [jcgambina@gmail.com](mailto:jcgambina@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Instituto de Economia da UNICAMP | [alinemiglioli@gmail.com](mailto:alinemiglioli@gmail.com)

<sup>3</sup> Texto original publicado em: <<https://www.perfil.com/noticias/opinion/milei-suena-con-los-anos-20-pero-de-un-siglo-atras.phtml>>, 06 mai. 2024.



o debate estratégico entre capitalismo e socialismo, ainda mais quando a discussão teórica se orienta para a corrente principal de pensamento, a escola neoclássica, no país e no mundo.

Até parece curioso que, no debate teórico, Milei explique sua polêmica evidenciando suas diferenças com José Luis Espert (página 106 do livro), seu principal aliado no Congresso. A Marx, ele questiona em poucas linhas (página 120), enquanto aprofunda sua crítica aos liberais contemporâneos, muitos dos quais sustentam as principais ideias que impulsionam o governo, mas sem a audácia e velocidade que o governo Milei imprime à reestruturação regressiva do capitalismo local.

De fato, Milei pretende discutir o capitalismo atual retrocedendo ao tempo do liberalismo reinante antes da crise dos anos 30 do século passado, antes do keynesianismo que se impôs entre os anos 30 e 40 do século XX; e, rigorosamente, antes da revolução russa e do imaginário de uma sociedade não capitalista, na perspectiva proposta pelo socialismo.

A proposta de Milei não é apenas para a Argentina. Por isso, o livro do presidente libertário começa com seus principais discursos no exterior, na Suíça e nos EUA, no Fórum Econômico Mundial (página 49) e na Conferência de Ação Conservadora (página 61).

Lá, ele oferece seu modelo de ajuste com consenso para relançar o capitalismo global em uma trajetória de crescimento, negada na prática com a desaceleração da expansão mundial desde a crise de 2007/09.

É um rumo sugerido aos EUA em sua competição com a China e, por isso, sua associação com Trump é uma afirmação da liderança dos EUA e um aceno ao seu principal parceiro político global: o Estado de Israel.

A lógica da narrativa oficial visa estabelecer uma agenda de debate de conjuntura que transcenda os problemas da cotidianidade, definidos pelo ajuste e pela reestruturação regressiva - que antecipa a Lei de Bases e suas reformas do estado, trabalhista e previdenciária - pelas privatizações, assim como pelo pacote fiscal e os benefícios à grandes investimentos em detrimento de qualquer iniciativa de expansão da burguesia local.

O que se discute e o que se esconde na agenda da conjuntura é o que interessa. Na véspera da greve e depois, o evento de apresentação do livro competirá na consideração da discussão nas redes e nos meios de comunicação.

O que se discute e se discutirá do ponto de vista político? A mensagem da greve remete ao ajuste e ao aumento do custo social,



refletido na ampliação da pobreza e na incapacidade de consumo devido ao baixo rendimento popular. Em contrapartida, o discurso presidencial foca em um debate "civilizatório", privilegiando a disputa pela hegemonia no rumo do capitalismo.

## **O primeiro limite a Milei**

Segundo a narrativa impulsionada por Milei, o "novo" é sua proposta libertária, extremamente liberal, como um modo de vida obstaculizado pelo socialismo em suas diversas variantes. Em sua versão, isso inclui desde o marxismo até o keynesianismo, do populismo ao feminismo e ao ambientalismo, todas essas concepções impedem a vontade individual e subjetiva da lógica do mercado e da concentração de capitais.

Quase cinco meses após o início do governo de Milei, a resistência ao ajuste se intensifica, enquanto a queda do consumo popular, a recessão e a precariedade, junto com o aumento do desemprego e do subemprego, geram desalento e descontentamento diante da insatisfação das expectativas. Apesar disso, o consenso político mantém os níveis alcançados nas eleições, levantando questionamentos sobre a ausência de alternativas políticas para disputar o sentido social majoritário e propor um novo rumo.

A fragmentação social e especialmente política impede a contenção do avanço do projeto liberal de direita do governo, e convoca a reflexão sobre novas táticas e estratégias de agrupamento político e social, que possam habilitar novas representações e identidades. Esse é um desafio da época para atender às demandas do novo tempo, iluminando um futuro associado a identidades renovadas para a transformação social, em oposição ao regime do capital e em sintonia com a base conceitual que exige uma "mudança", conforme sugere a vontade majoritária, agora apropriada pela ultradireita liderada por Milei.

*Recebido em 10 jun. 2024 | aceite em 27 jun. 2024*

